 Tempo de leitura: 10 min.

(continuação do artigo anterior)

Capítulo XV. Devoção e projeto de uma igreja para Maria Auxiliadora em Turim.

Antes de falar sobre a igreja erguida em Turim em homenagem a Maria Auxiliadora, vale a pena observar que a devoção dos turinenses a essa benfeitora celestial remonta aos primeiros dias do cristianismo. São Máximo, o primeiro bispo dessa cidade, fala disso como um fato público e antigo.

O santuário da Consolata é um maravilhoso monumento ao que estamos dizendo. Mas após a vitória de Lepanto, os turinenses foram os primeiros a invocar Maria sob o título especial de Auxílio dos Cristãos. O cardeal Maurício, príncipe de Saboia, promoveu muito essa devoção e, no início do século XVII, mandou construir uma capela na igreja de São Francisco de Paula com um altar e uma bela estátua dedicada a Maria Auxiliadora, feita de mármore precioso e elegante. A Virgem é apresentada segurando o Menino Divino em suas mãos.

Esse príncipe era um fervoroso devoto de Maria Auxiliadora e, como durante sua vida ele sempre oferecia seu coração à Mãe celestial, quando morreu, deixou em seu testamento que seu coração, como o mais querido penhor de si mesmo, fosse encerrado em um caixão e colocado na parede à direita do altar[1].

Como o tempo desgastou e deixou essa capela um tanto quanto sem valor, o rei Vitório Emanuel II ordenou que tudo fosse restaurado às suas próprias custas.

Assim, o piso, o supedâneo e o próprio altar foram como que renovados.

O povo de Turim, observando que o recurso a Maria Auxiliadora era um meio muito eficaz de obter graças extraordinárias, começou a se unir à Confraria de Munique, na Baviera, mas, devido ao grande número de associados, foi estabelecida uma Confraria nessa mesma igreja. Ela teve a aprovação apostólica do Papa Pio VI, que concedeu muitas indulgências e outros favores espirituais por meio do rescrito de 9 de fevereiro de 1798.

Assim, a devoção dos turinenses à augusta Mãe do Salvador estava se tornando cada vez mais difundida, e eles sentiram os efeitos mais salutares quando o projeto de uma igreja dedicada a Maria Auxiliadora foi concebido em Valdocco, um distrito densamente povoado da cidade. Aqui, portanto, muitos milhares de cidadãos vivem sem uma igreja de qualquer tipo que não seja a de Borgo Dora, que, no entanto, não comporta mais de 1.500 pessoas[2].

Nesse distrito, havia as pequenas igrejas da Pequena Casa da Divina

Providência e do Oratório de São Francisco de Sales, mas ambas mal eram suficientes para atender às suas respectivas comunidades.

No ardente desejo, portanto, de atender às urgentes necessidades dos habitantes de Valdocco e dos muitos jovens que vêm ao Oratório nos dias de festa, vindos de várias partes da cidade, e que não cabem mais na pequena igreja atual, decidiu-se tentar construir uma igreja suficientemente capaz para esse duplo propósito. Mas uma razão muito especial para a construção dessa igreja foi a necessidade comumente sentida de dar um sinal público de veneração à Bem-Aventurada Virgem Maria, que, com o coração de uma verdadeira Mãe misericordiosa, havia protegido nossas cidades e nos livrado dos males aos quais tantas outras haviam sucumbido.

Duas coisas ainda estavam por vir para que o piedoso empreendimento saísse do papel: a localização do edifício e o título sob o qual ele seria consagrado. Para que os desígnios da Divina Providência pudessem ser cumpridos, essa igreja deveria ser construída na Rua Cottolengo, em um local espaçoso e livre, no centro daquela grande população. Portanto, foi escolhida uma área entre a referida Rua Cottolengo e o Oratório de São Francisco de Sales.

Enquanto as deliberações estavam em andamento com relação ao título sob o qual o novo edifício deveria ser erguido, um acontecimento eliminou todas as dúvidas. O Sumo Pontífice reinante, Pio IX, a quem nada escapa do que pode ser vantajoso para a religião, tendo sido informado da necessidade de uma igreja no local acima mencionado, enviou sua primeira oferta graciosa de 500 francos, fazendo saber que Maria Auxiliadora seria certamente um título agradável à augusta Rainha dos Céus. Em seguida, acompanhou a oferta caridosa com uma bênção especial aos doadores, acrescentando estas palavras: “Que esta pequena oferta tenha doadores mais poderosos e generosos que cooperarão na promoção da glória da augusta Mãe de Deus na terra e, assim, aumentarão o número daqueles que um dia farão sua gloriosa coroa no céu”.

Tendo assim estabelecido o local e o nome do edifício, um benemérito engenheiro, Antônio Spezia, concebeu o projeto e o desenvolveu na forma de uma cruz latina em uma área de 1.200 metros quadrados. Durante esse tempo, surgiram não pequenas dificuldades, mas a Santíssima Virgem, que queria esse edifício para sua maior glória, dissipou, ou melhor, removeu todos os obstáculos que estavam presentes na época e que se tornariam mais sérios no futuro. Portanto, a única coisa que se pensou foi em começar a tão sonhada construção.

Capítulo XVI. Início da construção e função da pedra fundamental.

Depois que as escavações foram feitas até a profundidade normal, estávamos prestes a colocar as primeiras pedras e a primeira cal, quando percebemos que as fundações estavam assentadas sobre um solo de aluvião e, portanto, incapazes de suportar as fundações de um edifício daquele tamanho. Portanto, as escavações tiveram que ser aprofundadas ainda mais, e fazer uma paliçada forte e larga, correspondendo à periferia do edifício planejado.

A paliçada e a escavação em uma profundidade considerável provocaram maiores despesas, tanto pelo aumento do trabalho quanto pela quantidade de materiais e madeiras que precisavam ser colocados no subsolo. No entanto, o trabalho continuou em ritmo acelerado e, em 27 de abril de 1865, os alicerces puderam ser abençoados e foi colocada a pedra fundamental.

Para entender o significado dessa função, deve-se observar que a disciplina da Igreja Católica é que ninguém deve iniciar a construção de um edifício sagrado sem a permissão expressa do bispo, sob cuja jurisdição se encontra o terreno a ser usado para esse fim. *Aedificare ecclesiam nemo potest, nisi auctoritate dioecesani*[3].

Tendo conhecido a necessidade da Igreja e estabelecido sua localização, o bispo, pessoalmente ou por meio de um de seus delegados, vai colocar a pedra fundamental. Essa pedra representa Jesus Cristo, que é chamado de pedra angular nos livros sagrados, ou seja, o alicerce de toda autoridade, de toda santidade. O bispo, então, com esse ato, indica que reconhece sua autoridade recebida de Jesus Cristo, a quem esse edifício pertence e de quem deve depender todo exercício religioso que ocorrerá nessa igreja no futuro, enquanto o bispo toma posse espiritual do edifício ao colocar a pedra angular.

Os fiéis da Igreja primitiva, quando desejavam construir qualquer igreja, primeiro marcavam o local com uma cruz para indicar que o local, tendo sido destinado à adoração do Deus verdadeiro, não poderia mais servir para uso profano.

A bênção é então feita pelo bispo como o patriarca Jacó fez quando, em um deserto, levantou uma pedra sobre a qual ofereceu um sacrifício ao Senhor: *Lapis iste, quem erexi in titulum, vocabitur domus Dei [Esta pedra que ergui como coluna sagrada será transformada em cada de Deus – Gn 28,22].*

É bom observar aqui que toda igreja e toda adoração exercida nela é sempre dirigida a Deus, a quem cada ato, cada palavra, cada sinal é dedicado e consagrado. Esse ato religioso é chamado de *Latria,* ou adoração suprema, ou serviço por excelência que é prestado somente a Deus. As igrejas também são dedicadas aos santos com um segundo culto chamado *Dulia*, que significa serviço prestado aos servos do Senhor.

Quando, então, o culto é dirigido à Santíssima Virgem, ele é chamado de

hiperdulia, ou seja, um serviço superior ao que é prestado aos santos. Mas a glória e a honra que são prestadas aos santos e à Santíssima Virgem não param neles, mas, por meio deles, chegam a Deus, que é o fim de nossas orações e ações. Por isso, as igrejas são todas consagradas primeiro a *Deus Optimus Maximus [Supremo Bondosíssimo Deus]*, depois à Bem-Aventurada Virgem Maria, depois a algum santo, de acordo com a vontade dos fiéis. Assim, lemos que o Evangelista São Marcos, em Alexandria do Egito, consagrou uma igreja a Deus e a seu mestre, o Apóstolo São Pedro[4].

Também vale a pena observar que, em torno dessas funções, às vezes o bispo abençoa a pedra angular e algum personagem ilustre a coloca em seu lugar e coloca a primeira cal sobre ela. Assim, temos na história que o Sumo Pontífice Inocêncio X, no ano de 1652, abençoou a pedra angular da igreja de Santa Inês na Praça Navona, enquanto o Príncipe Pamfili, Duque de Carpinete, a colocou nos fundamentos.

Assim, em nosso caso, Dom Odone, de feliz memória, bispo de Susa, ficou encarregado de conduzir o serviço religioso enquanto o príncipe Amadeu de Saboia colocava a pedra fundamental em seu lugar e colocava a primeira cal sobre ela.

Portanto, em 27 de abril de 1865, o serviço religioso começou às duas horas da tarde. O tempo estava claro; compareceu uma multidão de pessoas, a primeira nobreza de Turim e também pessoas de fora de Turim. Naquela ocasião, os jovens pertencentes à casa de Mirabello tinham vindo para formar uma espécie de exército com seus companheiros turinenses.

Após as orações e salmos prescritos, o venerável Prelado aspergiu com água benta os alicerces do edifício; depois foi até o pilar da cúpula no lado do Evangelho, que já estava no nível do piso atual. Ali foi feito um registro do que havia sido feito e foi lido em voz alta no seguinte teor:

“No ano do Senhor de mil e oitocentos e sessenta e cinco, em vinte e sete de abril, às duas horas da tarde, no décimo nono ano do Pontificado de Pio IX, dos Condes Mastai Ferretti, felizmente reinante, no ano décimo sétimo de Vitório Emanuel II, estando vacante a sede Arquiepiscopal de Turim, por morte de Dom Luís dos Marqueses Fransoni, Vigário Capitular o Teólogo Cônego José Zappata; Pároco da Paróquia de Borgo Dora, Teólogo Cavaleiro Agostinho Gattino; Diretor do Oratório São Francisco de Sales, P. João Bosco; na presença de Sua Alteza, o Príncipe Amadeu de Saboia, Duque de Aosta; do Conde Constantino Radicati, Prefeito de Turim; da Junta Municipal representada pelo Síndico desta cidade, Marquês Emanuel Luserna di Rorà, e da Comissão promotora desta igreja[5] a ser dedicada ao *Supremo Bondosíssimo Deus e a Maria Auxiliadora*, Dom João Antônio Odone, Bispo de Susa, com a oportuna faculdade do Ordinário desta Arquidiocese,

procedeu à bênção dos fundamentos desta igreja e à colocação da pedra fundamental da mesma na grande coluna da cúpula no lado do Evangelho do altar-mor. Nesta pedra estão guardadas algumas moedas em metal e de valores diferentes, algumas medalhas com a efígie do Sumo Pontífice Pio IX e de nosso Soberano, uma inscrição em latim que lembra o objetivo desta função sagrada. O benemérito engenheiro arquiteto Cavaleiro Antônio Spezia elaborou o desenho da obra e, com espírito cristão, deu e ainda dá sua contribuição na direção dos trabalhos.

A forma da igreja é em cruz latina, com superfície de mil e duzentos metros. A motivação desta construção é a falta de igreja para os fiéis de Valdocco, e para atestar publicamente a gratidão à grande Mãe de Deus pelos grandes benefícios recebidos, por aqueles que são esperados, em maior quantidade, desta Celeste Benfeitora. A obra foi começada e se espera que, com a caridade dos devotos, será levada a feliz termo.

Os habitantes deste bairro de Valdocco, os turinenses e outros fiéis beneficiados por Maria, reunidos agora neste abençoado recinto, elevam ao Senhor Deus, à Virgem Maria, auxílio dos cristãos, uma fervorosa prece, a fim de conseguir do céu copiosas bênçãos sobre os turinenses, sobre os cristãos do mundo todo e, de modo particular, sobre o Chefe Supremo da Igreja Católica, protetor e insigne benfeitor deste sagrado edifício, sobre todas as autoridades eclesiásticas, sobre o nosso Augusto Soberano, e sobre toda a Família real, e especialmente sobre Sua Alteza Real, o Príncipe Amadeu que, aceitando o humilde convite, deu um sinal de veneração à grande Mãe de Deus. A Augusta Rainha dos Céus assegure um lugar na bem-aventurança eterna a todos aqueles que derem ou darão ajuda, para levar a cabo este sagrado edifício, ou de outra forma contribuirão no crescimento do culto e da glória d'Ela na terra."

Depois de ler e aprovar essa ata, ela foi assinada por todos os elencados acima e pelas mais importantes personalidades presentes. Depois foi dobrada e embrulhada com o projeto da igreja e alguns outros escritos, e colocada em um vaso de vidro especialmente preparado. Fechado hermeticamente, ele foi colocado na cavidade feita no meio da pedra fundamental. Tendo o bispo abençoado tudo, foi sobreposta outra pedra, e o Príncipe Amadeu ali colocou a primeira cal. Em seguida, os pedreiros continuaram seu trabalho até a altura de mais de um metro.

Findos os ritos religiosos, as autoridades mencionadas visitaram o estabelecimento e, em seguida, assistiram a uma apresentação dos próprios jovens. Vários poemas de oportunidade foram lidos por eles; foram executadas várias peças de música vocal e instrumental, com um diálogo, no qual foi feito um relato histórico da solenidade do dia[6].

Ao final do agradável entretenimento, o dia terminou com uma devota ação de graças ao Senhor, com a bênção do Santíssimo Sacramento. Sua Alteza Real e sua comitiva deixaram o Oratório às cinco horas e meia, todos se mostrando plenamente satisfeitos.

Entre outros sinais de apreço, o Augusto Príncipe ofereceu a graciosa soma de 500 francos de sua caixa especial e deu seu equipamento de ginástica para os jovens desse estabelecimento. Pouco tempo depois, o engenheiro foi condecorado com a cruz dos Santos Maurício e Lázaro.

(continua)

---

[1] Após a morte desse príncipe, o Conde Tesauro fez a seguinte epígrafe, que foi gravada no piso do altar.
D. O. M.
SERENISSIMIS PRINCEPS MAURITIUS SABAUDIAE
MELIOREM SUI PARTEM
COR
QUOD VIVENS
SUMMAE REGINAE COELORUM LITAVERAT
MORIENS CONSECRAVIT
HICQUE AD MINIMOS QUOS CORDE DILIGERAT
VOLUME DE APONTAMENTOS
CLAUSIT ULTIMUM DIEM
QUINTO NONAS OCTOBRIS MDCLVII.

[2] Esse distrito é chamado de Valdocco, que vem das iniciais *Val. Oc.* – *Vallis Occisorum* – ou vale dos mortos, porque foi regado com o sangue dos santos Aventor e Otávio, que receberam a palma do martírio aqui.

A partir da igreja paroquial de Borgo Dora, traçando uma linha até a igreja da Consolata e a de Borgo São Donato, depois, voltando-se para a forja real de canos até o rio Dora, iniciava-se um espaço coberto de casas, onde viviam mais de 35.000 habitantes, entre os quais não havia nenhuma igreja pública.

[3] Conselho Aureliano. dist. l, *De consacr*.

[4] Ver Moroni, artigo *Chiese [Igrejas]*.

[5] Membros da comissão promotora da loteria para esta Igreja:

Marquês Emanuel Lucerna di Rorá, Prefeito da cidade de Turim, Presidente honorário.

Marquês Luís Scarampi de Pruney, Presidente.

Marquês Domingos Fassati, Vice-Presidente.

Cavaleiro José Moris, Conselheiro Municipal.

Doutor em Medicina e Cirurgia João Gribaudi, Secretário.

Cavaleiro Frederico Oreglia de Santo Estêvão, Secretário.

Comendador José Cotta, Senador do Reino, Tesoureiro.

Teólogo Valério Anzino, Capelão de Sua Majestade, Diretor da Exposição.

Conde Ernesto Bertone de Sambuy, Diretor da Exposição.

Cavaleiro Aleramo Bosco di Ruffino.

Comendador Bona, Diretor-Geral da administração das ferrovias meridionais.

P. João Bosco, Diretor dos Oratórios.

Carlos Cays, Conde de Giletta, Diretor da Exposição.

Cavaleiro João Batista Duprá, Perito na Câmara de Contas.

Cavaleiro José Dupré, Conselheiro Municipal.

Comendador Pedro Fenoglio, Ecônomo Geral.

Marquês de Castelnuovo Evásio Ferrari.

Cavaleiro Carlos Giriodi, Diretor da Exposição.

P. Vicente Minella, Diretor da Exposição.

Cavaleiro Comendador Pernati di Momo, Ministro de Estado e Senador do Reino.

Cavaleiro Hilário Pateri, Professor e Conselheiro Municipal.

Conde e Advogado Alessandro Provana di Colegno.

Conde Constantino Radicati, Prefeito.

Comendador João Rebaudengo, Secretário-Geral do Ministro da Casa Real.

Cavaleiro Clemente Sacarampi di Villanova, Diretor da Exposição.

Conde Alberto Solare della Margherita.

Comendador Casimiro Sperino, Doutor em Medicina e Cirurgia.

Sr. Carlos Uccelletti, Diretor da Exposição.

Cavaleiro Alessandro Vogliotti, Cônego Teólogo, Pró-Vigário Geral.

Conde José Villa de Monpascale, Diretor da Exposição.

Sr. Advogado Maurício Viretti, Diretor da Exposição.

[6] Uma das poesias com o diálogo e com a inscrição podem ser lidos no Apêndice colocado ao final do livreto.